

Autoria: Gisele Rolemberg Lima

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

**Nossa Senhora das Dores – SE
2013**

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LIBRAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

RESUMO:

A escola é o lugar imprescindível para a formação dos sujeitos em todos os aspectos. É um lugar de aprendizagem, de diferenças e de trocas de conhecimento, da construção de identidade, precisa atender a todos sem distinção, sem eliminar o fracasso, discriminação e acima de tudo a exclusão como observamos em alguns casos.

Por esta razão é que o ensino de LIBRAS deve ser incluído desde as séries iniciais para que o surdo possa adquirir a sua primeira língua e posteriormente receber informações pertinentes à segunda.

Vai valorizar as diferenças e contribuir para o desenvolvimento de suas funções comunicativas e cognitivas.

ABSTRACT:

The school is the place essential for the formation of the subject in all respects. It is a place of learning, differences and exchanges of knowledge, identity construction, must meet all without distinction, without eliminating failure, discrimination and foremost exclusion as observed in some cases.

For this reason is that teaching POUNDS must be included from the initial series for the deaf may acquire their first language and then receive information relevant to the second.

Will appreciate the differences and contribute to the development of their cognitive and communicative functions.

INTRODUÇÃO

O ensino de libras, assim como as línguas orais é espontâneo e surgiu da interação e da necessidade de comunicação entre a comunicação surda brasileira. É uma língua que articula e especialmente é percebida visualmente. Assim como qualquer língua, ela pertence à formação de conceitos descritivo, emotivo, racional etc.

Vale ressaltar ainda que a comunidade surda de cada país fale uma Língua de Sinais diferente no Brasil, a LIBRAS não é a única língua de sinais, além dela há registro de outra utilizada pelos índios urubus-kaapor (LKS), na floresta Amazônica. Entretanto o papel social da língua de sinais seja secundário, pois o seu uso se limita a algumas pessoas e lugares, sendo ela também alvo de preconceito.

Conhecer a melhor maneira de ensino aprendizado é um aspecto muito importante na alfabetização de crianças surdas, assim, essas crianças iniciam-se suas atividades educacionais precocemente sem comprometer seu desenvolvimento pedagógico.

O trabalho na vida do surdo é tão importante quanto na vida dos ouvintes, assim, a diferença entre pessoas com surdez implica, basicamente, num caráter de sentido “diferente”. A impostura dos que não enxergam e titulam a surdez como incapacidade se dá porque eles não conhecem as potencialidades dos surdos. Isto é claro: são pessoas com potencial produtivo dentro das limitações que são intrínsecas à sua condição. O surdo se utiliza principalmente de visão em sua interação com o meio comunicativo e de aprendizagem para ele o processo é o mesmo da alfabetização em português, o que se alteram são as ênfases dadas aos modelos e figuras. O indivíduo surdo possui algumas características que podem dificultar a sua aprendizagem, mas, na falta da audição, a vibração e a visão acabam suprindo as informações recebidas.

DESENVOLVIMENTO

Pesquisas revelam que seu status de língua e contribuiu fortemente para o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais, através da Lei nº 10.436 de 24/04/2002. Essa vitória permite uma maior e melhor visão geral do desempenho dos surdos brasileiros em suas funções como cidadão nos espaços que ocupam atualmente na sociedade. Observamos que até a década de 1970, a LIBRAS era considerada uma língua ágrafo, as únicas formas de registro das línguas de sinais no mundo eram fotografias, desenhos a mão, filmagens em vídeo cassete, atual com o computador a língua é registrada em CD e DVD. O termo inclusão, em sua amplitude, pode se relacionar com as implementações de políticas voltadas principalmente para a prática da cidadania, incentivando o respeito e valorização as diferenças.

A questão da inclusão não é algo que envolve apenas a surdez, mas se refere a uma reflexão mais ampla sobre a sociedade, buscando formas que possam melhorar o relacionamento entre os sujeitos, reforçando identidades culturais independentemente de diferenças linguísticas, religiosas, entre outras. Propondo uma reflexão sobre a convivência harmoniosa dentro das diferenças ampliando assim os conhecimentos sobre a realidade cultural dos grupos sociais, sem restrições ou exigências de adaptações as regras de grupos majoritários. A inclusão educacional das pessoas surdas tem sido polêmica, dividindo opiniões pesquisas realizadas falam que a educação de surdos na escola regular valoriza as diferenças no convívio social.

Para o aprendizado de uma criança surda, além da parte visual, é de grande importância que eles participem de associações, grupos ou espaços onde se permite a socialização entre pessoas de diferentes níveis educacionais e idades. Podendo participar de um ambiente diversificado que tal modo irá desenvolver suas diversas práticas do aprendizado adquirido, frisando ainda que a LIBRAS é a primeira língua dos surdos e a L1 deverá fazer parte da vida do surdo antes mesmo da L2 (português).

No caso do Brasil a necessidade de que a LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais seja um contexto escolar, não só língua de instrução, mas, disciplina a ser ensinada, pois a

aquisição LIBRAS como primeira língua das crianças surdas próprias a aquisição da Língua Portuguesa.

Ainda não se chegou a um consenso a respeito do que podemos chamar de melhor abordagem educativa sobre a educação dos surdos. Além da opção da língua existem os que pensam que a escola de surdos deve ser segregada, outros que deve ser inclusiva, isto é, em turmas exclusivas ou em turmas inclusivas. Mas devemos entender que a inclusão do ensino de LIBRAS é muito importante onde criança surda não fique na sala de aula excluída por parte do professor que não entende que seu aluno não entenda o que ele está explicando para os outros alunos. Pois é fácil dizer que o aluno não se desenvolve, não presta atenção a aula. As escolas devem estar aptas para receber crianças com necessidades especiais.

CONCLUSÃO

As escolas que tem crianças surdas deveriam ter na sua grade curricular professores intérpretes tanto para ensinar o aluno à língua de sinais como para explicar a ele que o seu professor está ensinando as outras crianças. A declaração de Salamanca (1994) preconiza uma educação inclusiva onde todas as crianças, podem aprender juntas, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, raciais, linguísticas, entre outras. No caso do surdo, sua educação é prevista em sua língua nacional de signos, a Língua de Sinais.

Uma pessoa quando abarcada no programa de inclusão não deve ser classificado como “coitado”, deve ser tratado com a visão de garantir acesso e a participação ativa, cobrando normalmente suas tarefas e deveres em cima das possibilidades de empenho e produtividade escolar.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), os surdos devem ser incluídos em turmas de ensino regular.

De acordo com panorama há necessidade de ser observada a seguinte questão: Diferente de ouvintes, grande parte dessas crianças surdas entram na escola sem nenhuma aquisição de uma língua, uma vez que a maioria delas vem de famílias ouvintes que não conhecem ou não usam a Língua de Sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos:** ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MOURA, Maria Cecília de; VERGAMIN, Sabine A. A; CAMPOS, Sandra R. L. de. **Educação Para Surdos:** práticas e perspectivas. São Paulo: Santos, 2008.
- PINTO, Daniel Neves. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** Aracaju: Unit, 2010.
- PEDROSO, Cristina C. Araújo et al. **Fundamentos da Educação Especial** Batatais: CUC, 2006.
- PILITTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação:** de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2012.
- REZENDE, Conceição de Vilhena et al. **Alfabetização de Criança Surda.** Caxambu, 2007. (folheto)